

Echos, Echoes, Ecos, Echi n°6

INFORMES

Eis a versão do Boletim do CIG, *Ecos n° 6*, em português. Esse número foi traduzido em nossas cinco línguas da mesma maneira que os precedentes e, portanto, cada um poderá lê-lo em sua língua.

Ao mesmo tempo, é um número um pouco excepcional porque faz eco do trabalho dos cartéis do CIG. Não são trabalhos concluídos, mas a meio do caminho de uma elaboração, textos breves, geralmente de meia página, sem outra ambição que aquela de dar uma idéia sobre o que vem sendo debatido por nós.

Associamos o programa do Encontro internacional da Escola, dia 14 de julho em Medellín, com os títulos de cada um dos apresentadores. Os deixamos em sua língua original, mas no programa definitivo estarão traduzidos nas cinco línguas. Também mencionamos a título de informação, o programa previsto do Simpósio sobre o passe que acontecerá na tarde de quarta-feira, 13 de julho. Só participam dele aqueles que intevieram no dispositivo.

ÍNDICE

- Ecos dos cartéis do CIG
- Próximas reuniões do CIG e dos cartéis do passe
- O Simpósio 2016
- O Encontro internacional da Escola
- A Assembléia da Escola

I. ECOS DOS CARTÉIS

Os três cartéis trabalharam via skype, uma vez por mes, pelo menos, quando não podiam se reunir de outra maneira.

CARTEL 1. Tema: O passo de entrada em análise¹

"Reinvestir o ser de desejo", Sonia Alberti

Entre os vários temas que já visitamos em nossas reuniões, aquele que diz respeito às dificuldades de entrada em análise *na atualidade* me interrogou algumas vezes. Nós as discutimos tanto a partir da incidência do discurso capitalista que promove as taxionomias e seus correlatos medicamentosos, assim como todo tipo de psicoterapia ao alcance das mãos –

¹Le pas d'entrée en analyse. Título equívoco em francês. De um lado, « O passo de entrada em análise », de outro, « A não entrada em análise ».

e, em consequência, não é raro que as demandas ao analista seja *ready made* –, quanto a partir de sujeitos que, identificados a um grupo – religioso, ideológico, micropolítico – vêm demandar ajuda com a condição de que não se toque em suas certezas. Há pois um trabalho prévio a ser feito, bastante delicado, para que o sujeito possa, como o dizia Freud já em *Psicologia das massas*, reinvestir seu próprio ser de desejo em detrimento do que dizem as taxionomias e os grupos. À medida em que esse trabalho pode se fazer, a transferencia se instala. Mas muitas vezes não basta que o sujeito dela testemunhe – como por exemplo, pelo relato de um sonho com o analista –, será necessário ainda que essa transferencia passe a funcionar enquanto algoritmo (conforme a *Proposição de 9 de outubro*, de Lacan), o que quer dizer, uma transferencia que promova o desenrolar das cadeias significantes a partir da questão do próprio sujeito, como o demonstra o caso de Ana Martinez. Minha interrogação não é sem relação com o tema do Encontro da Escola este ano: o desejo de psicanálise no mundo nos dias de hoje.

A questão que ficou aberta nesse primeiro ano de trabalho, que penso poderá ser retomada, é: se o analista é o Sq que permite que o St coloque a psicanálise em marcha, ou seja, o SsS, haveria também um lugar para o impossível e o real da transferencia no momento da entrada – talvez a “confrontação dos corpos” retomada de Lacan por Didier? E no caso em que a resposta seria afirmativa, como isso se dá?

"Passar do terapêutico ao psicanalítico", Ana Martinez

Um caso clínico me permite referir-me a uma entrada em análise na qual pude perceber o modo pelo qual a tenaz insistência do sintoma é o que permite que se produza dita entrada. Um sintoma, na medida em que espera ser analisado – sem que o sujeito o saiba.

Trata-se de uma mulher que veio ver-me uma primeira vez aos vinte e nove anos por causa da angústia e da confusão que se instalou quando descobriu a infidelidade de seu parceiro e que retornou uma segunda vez, quatro anos depois da primeira consulta. Dessa vez, o problema é sexual. Em ambas as ocasiões se instaurou um trabalho que trouxe efeitos terapêuticos que satisfizeram tanto o paciente quanto o analista que, por isso, não impediu que o trabalho fosse finalizado. No entanto, o sintoma não se deixa enganar...

Trinta anos depois, a paciente retorna. São impactantes tanto seu aspecto quanto sua situação: muito envelhecida, obesa e mancando. Assumiu o estatuto de inválida e não trabalha. Está deprimida há muito tempo, mas não queria retornar porque teria que pagar.

O que aconteceu durante esse longo intervalo? Do lado da paciente, ela esgotou o percurso que fez pelos “recursos baratos” em que não encontrava lugar para alojar seu sintoma, e do lado do analista, eu tinha feito meu percurso pessoal para discernir com clareza entre a psicanálise aplicada e uma entrada em análise.

De que modo dar provas da passagem ao discurso analítico nesse caso? Farei três pontuações a esse respeito: Em primeiro lugar, nessa ocasião não se produziu o milagre terapêutico, mas mesmo assim ela continua vindo. Em segundo lugar, é capaz de confessar lembranças e desejos que para ela são muito difíceis de dizer, como por exemplo, seu desejo de assassinar o pai, um pai dominante, com o qual, não obstante, está identificada, particularmente a partir de traços odiados. Em terceiro lugar, surge uma manifestação do inconsciente sob transferência, ou seja, frequentemente pede para ir ao banheiro depois da

sessão. Um ato sintomático com respeito ao qual ela se pergunta sobre o que ele pode querer dizer, relacionando-o com o que foi dito nas sessões.

"Na soleira da porta..." Nadine Cordova

Um cartel sobre a entrada em análise não é evidente, pois não é evidente articular, na prática, essa passagem – ou não – ao analisante. O equívoco do título do nosso cartel, o passo de entrada, a supõe, portanto, de saída². O que leva um sujeito a franquear o passo? As entrevistas preliminares são um espaço chave do qual pode surgir uma formação do inconsciente que se endereça ao analista. Esse momento é imprevisível e cria uma ruptura que deve ser colhida. Mas se no início da psicanálise está a transferência, será isso sempre o bastante para passar-se à análise? Depende. Pois pode haver a manifestação de um significante sintomático, a aceitação da oferta e, em seguida, a fuga do sujeito quando o tratamento começa. O dispositivo pode se tornar insuportável. E, ao contrário, o analista pode ser surpreendido pelo efeito inesperado de uma intervenção junto a um sujeito que não parecia pronto para uma análise. Antes de oferecer uma análise, é necessário esse mais, essa alguma coisa que pode se enraizar à medida em que avançam as sessões preliminares, e/ou uma espécie de determinação que ateste o engajamento do futuro analisante... qualquer que tenha sido o fator a provocar nele esse engajamento. Mas esse encontro é sutil. Trata-se, para o analista, de dar lugar ao inconsciente e, se ele se manifesta através de um endereçamento ao analista, deixar isso tomar forma a fim de que as sessões preliminares passem a outra coisa... se o sujeito a isso consentir.

"Uma ruptura no discurso", Susan Schwartz

O trabalho de nosso cartel sobre a questão do passo de entrada – ou não – em uma psicanálise foi precioso porque esclareceu muito que é o modo como um tratamento se inicia que determina se estamos ou não no campo da psicanálise. Onde, o momento em que o analisante é convidado para deitar no divã é precisamente condicionado ao que tange as finalidades da análise.

Abordei a questão pela via do amor de transferência conforme Freud e Lacan, assim como em referência a um caso no qual o amor de transferência era particularmente forte. As discussões suscitadas pelo caso e os casos de outros membros do cartel revelaram um ponto de importância fundamental: no processo analítico o engajamento do sujeito não diz respeito ao amor porque este confina a relação do analisante com o analista a uma dimensão imaginária da transferência. Antes, o passo de entrada numa análise se verifica, precisamente, numa ruptura do discurso do amor na emergência de uma formação do inconsciente, alguma coisa de enigmático. Isso produz uma resistência do discurso, não uma resistência do sujeito. É o momento em que o real do sintoma irrompe através da cobertura imaginária do amor de transferência que, até então, assegurava a manutenção das questões do sujeito no nível da falta a ser.

Do lado do analisante, o enigma é endereçado ao analista a fim de que ele dê uma interpretação, estabelecendo assim o analista no lugar de semblante do sujeito suposto saber. Do lado do analista, que sabe que não sabe nada sobre o paciente, um ato é demandado que lhe

2 Nadine faz referência à fase « Pas d'entrée » que se traduz tanto como « Passo de entrada » quanto como « Nenhuma entrada ».

permita assumir a função de objeto *a* no discurso analítico, um objeto que, contrariamente ao objeto de amor, não pode ser reabsorvido. Em consequência, ele é o parceiro-sintoma numa relação de diferença absoluta para com o analisante. Ele sabe que o enigma é real, que a demanda por saber é urgente e que se trata do gozo da pulsão. A transferencia produziu assim um efeito analítico sobre o inconsciente do analisante, indicativo do passo de entrada na análise.

"Um passo de saber / Um não saber"³, Didier Grais (Mais-um do cartel)

Para além do equívoco do título de nosso cartel, o «passo de entrada / nenhuma entrada»⁴, acrescento outro, evocando o «*pas de savoir*». Pois o que marca a entrada em análise é, ao mesmo tempo, a falta de saber e o primeiro passo no saber inconsciente.

Podemos situar o verdadeiro ponto de partida de uma análise, marcado pelo franqueamento de um limiar, a partir de um antes e um depois, na produção de um significante que rompe por implicar um saber suposto dos significantes inconscientes, um saber em sua pura significação de saber e como que enganchado a um sujeito suposto.

Mas como fazer evoluir a questão de uma pessoa que vem nos encontrar e que sabe se queixar, expor seu sofrimento... num sujeito suposto ao que causa seu sofrimento? Quer dizer, aceitar de ser um sujeito suposto saber! Trata-se de tornar possível a emergência de um enigma para o sujeito, mas se é preciso que o futuro analisante consinta a isso, também depende do analista dar disso algumas premissas... com toda sua ignorância.

O passo de entrada possível em análise não é obtido espontaneamente quando do encontro entre um analista e aquele que se interroga sobre a causa de seu sintoma. A associação livre só terá toda sua pertinência lógica bem depois, quando a análise terá verdadeiramente começado.

Na última sessão do *Seminário ...Ou pior*, Lacan evoca as entrevistas preliminares: «Quando alguém vem me ver em meu consultório pela primeira vez, e quando escando nossa entrada no caso com algumas entrevistas preliminares, o que é importante é isso: é essa confrontação dos corpos».

Ele dirá que «é daí que isso parte», da confrontação dos corpos como inaugural do encontro analítico. Daí a questão: que (a)corpo se trata de encontrar entre esses dois corpos?

Felizmente o cartel não acabou!

"Entrar em análise", Colette Soler

Inúmeras discussões de nosso cartel sobre a transferencia, sua relação com o saber, o trabalho analisante, a responsabilidade do analista etc, deixei se depositarem algumas das observações que esse trabalho sugeriu para mim.

Não existe um modo de fazer para o «saber fazer» do psicanalista, mas há um «saber do psicanalista», ele se baseia na estrutura da experiência e permite situar sua visada. Assim, Lacan pode formular que uma análise submete o sujeito «à questão do mais de gozar». Essa questão é transestrutural, vale para cada um e deveria levantar a ideia de que há contra indicações à análise. Ela desloca um pouco o famoso «*Che vuoi*» ao mesmo tempo em que o

3 Em francês : « Un pas de savoir », equívoco entre essas duas possibilidades em Português.

4 Em francês : « Pas d'entrée », equívoco entre « Passo de entrada » e « Nenhuma entrada ».

precisa, e de forma bem oportuna para fazer cingir que os aditos do mais-de-gozar de nossa época são tão sujeitos quanto os outros.

Ao colocar em ato essa questão, o analista deve se fazer causa dela no próprio limite da análise, pois aquele que bate à sua porta, ao contrário, se faz mais uma causa de sua queixa. Ora, uma queixa não diz sempre – mesmo havendo as mais variadas – um gozo julgado insuficiente e que, esperamos, poderia não sê-lo?

Ao analista cabe inventar o que for necessário para retificar o postulado e fazer pensar que ele sabe... e ele sabe, com efeito, nada do paciente, mas que há um outro gozo, que já está aí apesar de não sabido e que, por menos que o sujeito dele faça uma questão, o fará entrar no discurso em que é o objeto agente que comanda a produção dos significantes. Na falta disso, não há entrada – salvo, eventualmente, as mentiras de algumas meias verdades que por si sós podem ter algum efeito.

CARTEL 2. Tema: Do sintoma particular ao desejo do analista.

"Particulares incômodos", Gabriel Lombardi

A via analítica passa pelo sintoma do ser que, no lugar de se paralisar, de agir ou de fugir, fala. A via analítica é aquela do sintoma e ponto, da divisão subjetiva \$, o único realmente analisável. Partindo do sintoma, quer dizer, da disforia pessoal de cada um já assinalada por Eurípedes, Shakespeare ou Freud, a via analítica convida a retomar o caminho da informatização dos saberes, para adivinhar o ancestral nos jogos que substituem os jogos, para cernir o sintoma nos traços de divisão subjetiva velados pelos consumos patológicos.

O que encontramos, no que resta da experiência, da passagem da particularidade do sintoma cardinal do analisante como sujeito (assujeitado, dividido ou camuflado) ao «ser singularmente e forte» que se realiza no ato do analista? Colocamos a questão agora, quando a particularidade é ao mesmo tempo politicamente incorreta e objeto de reivindicação, quer dizer, de julgamentos de sinais opostos que certamente têm repercussões em nossa Escola e tornam propícia, também aí, a *Verleugnung* do ato que deveria suspender tais julgamentos.

Penso que o «pagar com seu julgamento o mais íntimo» também deveria se aplicar à Escola para que nela se possam formular as questões sobre as particularidades cruciais necessárias para a intensão e a extensão da psicanálise. Seria somente da neurose que procederia a singularização do passe? E senão, seria essa a origem que melhor se acomodaria ao desejo do analista? Como pensar o particular na psicose no homem que não conta com a força do pai em sua posição de exceção? Por que a perversão pura e simples, não transitória, que sabe delegar a divisão subjetiva ao parceiro, não é diagnosticada em nossa comunidade, nem tampouco, em consequência, é analisada? E por que ela não aparece, menos ainda, no passe, salvo camuflada na neurose? Como é que ocorre que tampouco parece haver diferença entre o percurso analítico de um homem (cujo sintoma expressa de seu lado a divisão \$ entre o universal «todo homem» e o orangotango excepcional) e aquele de uma mulher cuja natureza (sem pênis, mas *não sem o significante*⁵) a particulariza de cara, pelo menos como sintoma de um outro corpo, oferecendo-lhe uma ex-sistencia diferente, com menos pretensão e fixidez do lado da essência, liberada das exigências do universo fálico com seu correlato estrito de

5 *Pas sans le signifiant*: não sem o significante ou passando o significante (*Passant le signifiant*)

castração?

"Se fazer encontro. Sorte, singular", Maria Teresa Maiocchi

Nosso tema estreitou cada vez mais o sintoma de começo e o que faz passar ao analista, de sustentar o singular irreduzível da letra com o que o destino fatal se reescreve encontrando aí uma *outra* saída (*sortie*), uma nova sorte (*sort*). Do sintoma-destino – “tão funesto”, no caso – até uma assumpção “*hystorizada*” do gozo: urgência-emergência-contingência: novidade de *sinthoma*.

*Sorte*⁶, estreitar o conjunto, como essas pedrinhas amarradas juntas por um laço que se deixa cair ao acaso e que sinalizam, desígnio de boa ou má, estranha ou azarosa (a)-ventura do sujeito... Para minha surpresa, os termos subjacentes a cada um de nossos preciosos encontros de cartel, se enodam em torno de uma passagem crucial do *Prefácio*...: escrever, entalhar e mesmo 'litura-turar'..., – e também en-sinar, tecer, enodar, serrar, puxar... Mistério da obra das mãos, ato a cada vez singular, como a impressão de uma caligrafia, *stylus*... Aqui mesmo esse crucial des-serrar, “dis-persar” dos “desparatados”: o que pode serrar na forma singular do nó, melhor dito do que um destino (*sort*) comum, mais ou menos benevolente? O “puxar” necessário para que o nó se faça é da ordem da contingência⁷. Não se trata de se alinhar em série, como numa bela guirlanda – *serto*, em italiano – que orna harmoniosamente a beleza como a vitória... Lá onde os “dispersos des-paratados” – “*épars dés-assortis*” – não fazem esse 'todo' bem afinado, eles mostram a impotência do universal. A particularidade do sintoma, dá o “modo” de chegar ao singular, não pela via joyciana, mas pelo laço de um trabalho inédito: capaz, ou não, de conter o irreduzível singular do estilo. “Se alguma coisa se encontrasse que definisse o singular, seria o que eu chamei... um destino, é isso o singular... e isso só se dá através de uma boa sorte”: nesse texto, impulsor do cartel, a psicanálise depende de uma contingência de “encontro”, é “busca dessa chance”⁸, e o ato é “a incitação para passar pelo bom furo do que lhe é oferecido, *como singular*”. Que relação entre esse “bom furo” e a condição, a dis-posição, para esse “passo”? “Ao ato, lhe dou a chance de fazer frente a isso”⁹ Chance, irreduzível, intraduzível: contingência de “queda”. Deve-se fazer frente... ao acontecimento, enfrentar o ad-vir de um ser de *chance*, na (a)-ventura de um encontro para cingir por qual ser um dizer se presentifica, que terá feito Escola: “por subsistir a partir de um laço social jamais produzido até o presente”¹⁰.

"O singular, um destino?", Anne-Marie Combres

Meu ponto de partida nesse trabalho de cartel foi o texto muito denso da resposta de Lacan a André Albert em 1975 : « vale a pena perambular por toda uma série de particulares a

6 A etimologia reconduz a *serère*, de onde: serrar, série, *serrure* (fechadura) e *sortir* (sair), *assortir* (dispersar)... Daí, mesmo em italiano, ‘*serto*’, a guirlanda. A ‘sorte’ era lida nas pedrinhas estreitadas e lançadas de modo que eram deixadas cair de seu jeito.

7 Lacan o sublinha em um texto que foi uma referência importante do cartel: J. Lacan, *Sur le plaisir et la règle fondamentale* (1975), in “Lettres de l’École freudienne de Paris”, XXIV, 1975. Referência das passagens que seguem.

8 *Chance* – segundo o *Trésor de la Langue Française* – vem de *caance*, queda, substantivação do latim *cadentia*, já empregado no “jogo da bugalha” (Cícero). O lançamento de pequenos ossos do pé do animal, as formas diferentes com que a figura vitoriosa era chamada, *iactus Veneris*: todas as facetas diferentes, implicando então a sorte com o não-todo feminino...

9 J. Lacan, *Dissolution* (Lettre à *Le monde* pour l’annonce, 15 janvier 1980).

10 J. Lacan, *D’écologie* (11 mars 1980).

fim de que alguma coisa do singular não seja omitida ». Lacan insiste nessa resposta sobre o esforço necessário para não omitir essa dimensão que poderá às vezes permitir a passagem do « particular » do sintoma ao « singular » do *sinthome*, na medida que « é enquanto que o inconsciente se enoda ao *sinthome* que é aquilo que há de singular em cada indivíduo »¹¹.

Ele especifica aqui o singular como destino: como ele se articula às experiências de gozo do sujeito ?, a uma posição em laço com uma ética que talvez já esteja lá, para além de sua dependência ao discurso do Outro num certo modo de responder ao e do real?

Com efeito. *Lalíngua* e sua palavra/materialidade (*motérialité*) fazem um destino para o sujeito, seu destino de objeto *a*; podemos, na escuta dos testemunhos, **notar os estiramentos** do nó que permitiram essa passagem do destino do qual não se pode escapar, ao destino do qual se pode sentir responsável? e disso deduzir as consequências quanto à direção do tratamento?

Se a psicanálise é a procura dessa «sorte», quais são as regras, evocadas por Lacan, dessa chance que dizem respeito à forma de «encerrar o singular»?

Se trataria também de saber se isso que faz passar o passador ao cartel – quando o desejo do analista é o operador – é transmissível? e de que modo isso teria um papel no modo como cada um vai re-inventar a psicanálise...

"Do psicanalista inventor", Martine Menès

Quais são as condições (lógicas) que são requeridas para que alguém (singular) possa se dizer « eu sou psicanalista ? ¹²»

Eu parti dessa questão para articular o trabalho do cartel no ato de escuta dos passes, onde escutar/esperar a marca que deixa uma psicanálise e que leva (ou não) ao desejo do analista.

O que se pode cernir nos testemunhos do passe da invenção singular de cada particular, invenção que modifica radicalmente sua relação de alienação ao Outro (S), sua inclinação eventual de idealização imaginária dos discursos (I) e apazigue os efeitos deletérios do gozo (R)?

Eu parto da hipótese de que o desejo do analista só pode ser singular, a saber, que o analista é convidado por sua própria análise a se reinventar ele mesmo, à partir daquilo que ele é. « Somos marcados pela psicanálise (...) a marca de seu destino, mas também o destino da marca¹³ ». Eu entendo que se trata em uma psicanálise, de « passar pelo bom furo daquilo que lhe é ofertado como singular¹⁴ », de se tornar outro enquanto permanecendo o si mesmo.

Será que o resultado, a marca da análise, não poderia ser chamada de um estilo, um estilo herdado de um destino radicalmente de/marcado do Outro, uma adoção de seu nome que não seja o desejo de se fazer um nome? E que se refira ao desejo do analista e ao desejo de análise desembaraçado dos efeitos da fantasia? O estilo, traço sobressalente do saber se virar com seu sintoma, que os passantes poderiam fazer passar... ou não?

Veremos...

11 Lacan J. *Conférence Joyce le symptôme I*

12 Lacan J., *Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*. Lição de 5/5/1965.

13 Lacan J., *Conférence à l'Évolution psychiatrique*, le 23/01/1962.

14 Lacan J., *Intervention à la suite de l'exposé d'André Albert*, 14/06/1975.

"O gosto do outro", Cathy Barnier (Mais-um do cartel)

Do desejo do analista poderíamos dizer que se trata do particular já que é apenas para alguns e não para todos. No entanto, é a partir de um ponto de singular e de alguma coisa que faz furo nos ditos do analisante, retomado no testemunho do passe, que se identifica esse novo desejo. Então, o desejo do analista diz respeito ao particular ou ao singular? Ou então: seria ele um desejo particular «contaminado de singular»? O singular, esse ponto de indizível, de ininterpretável – porque fora do significante – é o que Lacan situou no não todo. Para cingir esse ponto, o cartel do passe assume a tarefa de diferenciar entre o não analisado – ou seja, quando o fato «que se diz mente» não foi desmascarado – e o inanalizável. Uma referência ao inanalizável encontra-se em «Propostas diretivas para um congresso sobre a sexualidade feminina»: «No mesmo ponto convém interrogar se a mediação fálica drena tudo de pulsional que se pode manifestar numa mulher, e notadamente toda corrente do instinto maternal... Por que não afirmar aqui que tudo o que é analisável seja sexual, não comporta que tudo o que é sexual seja acessível à análise?»¹⁵. Além disso, Lacan antecipa aqui o que formulará mais tarde sob o termo de não-todo, e sobre o devir da pulsão após o tratamento. E essa estranha referência ao instinto maternal... Esse «instinto», ou seja, o que não foi apanhado na rede dos significantes, não seria a origem de um «gosto» que persiste e assinala, na fala de cada um, um eco, uma nota singular, que «en-forma» cada desejo do analista e o torna comparável a nenhum outro? Quando o «que se diz mente»¹⁶ passa ao condimento, o saber ao sabor...

CARTEL 3. Tema : "O saber que passa"

"Uma relação difícil ao saber", Sol Aparicio (Mais-um do cartel)

Falando da posição difícil na qual o discurso analítico coloca o psicanalista, Lacan afirma que “*é sua relação com o saber o que é difícil*”.

O saber, que não é o mesmo de acordo com o lugar que ele ocupa em cada um dos discursos, convoca definições distintas. Em se tratando daquele que interessa ao discurso analítico, o saber inconsciente, Lacan propôs uma fórmula que não é menos paradoxal por nos ser habitual: um *saber insabido*, que não se sabe, o que parece apontar muito bem a contradição entre os dois termos. Tal saber, que não se presta nem ao verbo nem à conjugação, que não comporta mais sujeito nem predicação, é um saber sem sujeito nem complemento, que escapa à compreensão. No entanto, que pode ser concebido como ativo, em virtude de *lalangue*, a qual o enraíza no corpo.

Desse saber insabido, que tem valor de verdade, nós não saberemos jamais nada além *do que se escuta* naquilo *que se diz*, nos ditos do psicanalisando. Aqui, não são mais do que significantes, a partir dos quais é possível uma elucubração. (Na sequência, restaria percorrer o caminho que conduz à invenção, à produção do saber.)

Todavia, a experiência da elaboração analisante que a interpretação vem a pontuar, possui efeitos manifestos na existência dos *falasseres*, testemunhados por cada um. É que o

¹⁵ «Propos directifs pour un congrès sur la sexualité féminine» in *Les Ecrits*-éd du Seuil, p.730

¹⁶ Le Sinthome, éd du Seuil. p 17 –: « Quelqu’un qui n’est pas très loin de moi faisait la remarque à propos de la langue, en tant qu’elle désigne l’instrument de la parole, que c’était aussi la langue qui portait les papilles du goût. Eh bien, je lui rétorquerais que ce n’est pas pour rien que ce qu’on dit ment... » ...« la pulsion c’est l’écho dans le corps du fait qu’il y a un dire ».

discurso analítico, como Lacan pôde enunciar, retira da neurose a dose de gozo. É aí que captamos a ação desse desejo (do saber) do qual depende a possibilidade de *se reencontrar no inconsciente*.

"O saber da psicanálise posto à prova no passe", Jean-Jacques Gorog

O seminário de Lacan que nosso cartel estudou ocorre em um momento em que a experiência do passe dava seus primeiros resultados concretos, dois anos depois de sua instauração em 1969. Esse seminário põe em jogo o que o psicanalista tem que saber e também o que deve não pretender saber, ou seja, o que o analisante vai dizer. Deve privilegiar-se a surpresa, e é o que é exigível do passe. Lacan não antecipa o que ele vai aprender. O lugar de exceção desse seminário, em Sainte-Anne, está marcado pelo relato metódico de seu próprio percurso. Esse percurso tem um papel primordial, a tal ponto que eu o qualificaria, de bom grado, como “autobiográfico”.

Mas é também o seminário em que afirma que, quando ensina, está em posição de analisante porque é ele quem fala¹⁷. Se aceita-se que não é por acaso, a convergência desses elementos nos força a ver aí as condições singulares, próprias daquele que as enuncia, da emergência do psicanalista a partir do analisante. O saber insabido, o do inconsciente, noção já desenvolvida há alguns anos, ganha com esse testemunho um novo destaque ao implicar concretamente a passagem ao analista. O real em que está fundado esse saber, se materializa para Lacan nesse muro, declinado em todos os tons, desde de o manicômio até à relação sexual que não há.

"O insabido-que-sabe do saber", Marie-José Latour

Quem sabe quem é? Ou bem o inverso, quem é quem sabe? A impossível posição dos psicanalistas quanto ao saber pode dar lugar à vertigem. A descoberta de Freud é um questionamento radical do saber. Logicamente, esse questionamento, ele necessita de uma parcela de saber. Na direção do tratamento, a articulação entre o saber necessário e sua necessária suspensão para acolher a surpresa do inconsciente, requer um certo manejo de improvisação. Lacan enoda a questão ética a essa habilidade, ou seja, a responsabilidade do analista.

Desde o princípio de seu ensino, Lacan interrogou o estatuto e a função do saber na psicanálise. Leitura de um acrônimo, SsS: do “sujeito suposto saber” ao “saber sem sujeito”, um trajeto se desenha. Lacan o toma em ato, inventando o dispositivo do passe e remanejando sua concepção do inconsciente e, assim fazendo, do saber do psicanalista.

Que o inconsciente seja um saber que não se apreende mas um saber que se deposita no insabido do sujeito, isso conduz Lacan a definir o inconsciente como um saber-fazer com *lalangue*, e a estabelecer a psicanálise como “a referência do que se compreende por obscurecido [...] pelo fato de que um significante marcou um ponto do corpo¹⁸”.

Um psicanalista seria, portanto, esse tratamento insólito que responde à insolência do real. O real não é compatível com o que pode ser sabido. Então, quem poderia pretender

17 “... como sou eu quem falo, sou eu quem está aqui na posição de analisante”. Estou falando com as paredes, Jorge Zahar Editor.

18 Tradução livre do original: « le repérage de ce qui se comprend d’obscurci [...] du fait d’un signifiant qui a marqué un point du corps ». Jacques LACAN, *Le séminaire livre XIX, Le savoir du psychanalyste*, leçon du 4 mai 1972, in ...ou pire, Paris, Seuil 2011, p 151. Seminário ainda não traduzido para o português.

situar-se no real? Na melhor das hipóteses, poderíamos delimitá-lo como impossível. Assim, há de se manter viva a distinção que Lacan opera entre o saber-fazer que o inconsciente partilha com a arte e o saber-se-virar com seu sintoma esperado ao fim de uma análise.

"O que (faz) falta ao saber", Maria Luisa de la Oliva

Em o *Saber do psicanalista*¹⁹, Lacan diz que a novidade que a psicanálise revela é que é um saber não sabido para si mesmo.

O que permanece como não sabido faz parte do núcleo do sintoma, sendo assim indecifrável e o qual só se pode inferir por seus efeitos. É a vertente do que faz falta ao saber para ser sabido. Não há sujeito que possa dizer que o sabe.

Na conferência de 4 de maio de 1972, em Sainte-Anne, Lacan diz o seguinte: a psicanálise “é a referência do que se compreende por obscurecido, do que é obscurecido em compreensão, devido a um significante que marcou um ponto do corpo”.

Assim, trata-se de localizar o que tendo sido obscurecido se compreende, bem como localizar o efeito de obscurecimento que se produz na compreensão e como tudo isso tem relação com o fato de que o significante marca o corpo, o morde, e aí, nesse ato, sempre há um ponto obscuro que é irreduzível, inapreensível.

O passe é um dispositivo que permite testemunhar essa obscuridade, sabendo dos limites que estão incluídos no próprio ato de testemunho: existe esse *gap* entre o que é visado no dispositivo, aponta e os limites do testemunho quando se trata do real. Justamente essa brecha é o que deixa mais tentadora sua aposta.

Nos testemunhos dos AE podemos encontrar marcas a partir das quais se pode localizar essa zona de obscuridade, sem no entanto sair da “névoa”²⁰.

"Criações do Real", Ricardo Rojas

Os Cartéis do Passe e o Cartel do CIG desbravam o caminho: passantes que tentam nos entregar o *d'Un*, os Uns do enxame significante, causa das repressões atraídas pela *Urverdrängung* no centro do significante binário. Passar, chegando mais além, ao *saber-fazer-aí-com* isso. Criação de “um puro artífice, um homem de *savoir-faire*”²¹, ou seja, o artista do enigma “o fato do fato, como se escreve, o fastígio do fato ou o fato do fastígio”²², limite do dito, do sintoma que não cessa de escrever o real e aquele em que se crê. Crença que facilita dirigir-se ao Suposto-saber, a quem somente lhe é necessário decifrar o dito em uma *dimension* [dimensão/mansão do dito] significativa pura. Aquilo que Lacan diz: “O imaginário é o que detém o deciframento, é o sentido”²³ nos leva a pensar que aquilo que um significante representa para outro significante tem um “sentido duplo”: “a significação não é o que um povo vão crê”²⁴, isto é, o que significa, senão que sentido e significação são, ao mesmo tempo, *Bedeutung*. É aí que o deciframento não basta para nomear esse mais além da interpretação que nos abriria ao Real, seria necessária a criação de um significante novo, forçamento²⁵ que desse

19 Conferência de 4/11/1971

20 “Névoa” é o significante com o qual Camila Vidal (AE nomeada em 2015) nomeia a existência da opacidade do gozo e a impossibilidade de esclarecê-lo pela via do sentido.

21 Lacan J., O Seminário, livro 23: o sinthoma, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 114.

22 Lacan J., O Seminário, livro 23: o sinthoma, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 19.

23 Lacan J., O Seminário, livro 21: le non-dupes errent, lição de 13 de novembro de 1973, inédito.

24 Lacan J., O Seminário, livro 24: l'insu..., lição de 15 de março de 1977, inédito.

25 Lacan J., O Seminário, livro 25: o momento de concluir, lição de 10 de janeiro de março de 1978, inédito.

conta desse mais além, criação deixada vazia por Lacan, para que continuemos nos perguntando o que as palavras significam, por exemplo, o “sentido duplo” do Imaginário, a partir do nó. Isso traça o caminho restante para o que resta do Cartel.

II. AS PRÓXIMAS REUNIÕES DO CIG E DOS CARTÊIS DO PASSE

O CIG se reunirá de novo quando do Encontro internacional de Medellín. Quatro passes foram terminados agora, razão de dois cartéis terem sido compostos para escutá-los. Eles se reunirão em Medellín, a partir de quarta-feira, 13 de julho, de manhã.

As reuniões seguintes do CIG, as últimas de seu mandato, assim como os últimos cartéis do passe, estão agendadas para a segunda e terça-feira, 28 e 29 de novembro, em Paris, depois das Jornadas da EPFCL-França.

Lembremo-nos do que já havíamos mencionado em *Ecos* n° 5: a reunião com o CIG que entra, para a transmissão dos dados, poderia ter lugar no domingo, 27 de novembro, no final da tarde, quando do encerramento dos trabalhos das Jornadas da EPFCL-França.

Os dois últimos CIG, o atual e o precedente, pediram ao CRIF que as eleições internacionais sejam organizadas mais cedo, desde o início de setembro, pela seguinte razão:

Constatamos que, anteriormente, o CIG que sai se reunia em Paris no final de novembro/início de dezembro para seus últimos passes, e que ele tinha que se reunir novamente, em seguida, em janeiro, com o novo CIG para passar os documentos e a discussão dos diversos problemas com os quais se deparou durante os dois anos.

Concluimos que seria bom que os dois CIG pudessem se encontrar no final de novembro/início de dezembro, quando da última reunião do CIG que sai, o que evita a multiplicação dos deslocamentos cujos custos conhecemos – tanto em cansaço para os colegas que vêm de longe, quanto em dinheiro para a Escola.

Para que os membros do CIG que entra possam prever suas viagens, seria necessário que o resultado das eleições seja conhecido até final de outubro, o que não deve ser impossível se as eleições são lançadas no início de setembro – geralmente levam dois meses.

III. O SIMPOSIO SOBRE O PASSE, dia 13 DE JULHO DE 2016

Organização:

A lista dos participantes foi estabelecida conforme o previsto nos textos. Os passadores que exerceram durante os últimos três CIG foram informados no final de dezembro de 2015 que eles agora podem participar do Simpósio.

As listas definitivas foram estabelecidas e estão sendo transmitidas aos organizadores locais, encarregados de verificar as entradas na sala.

Os participantes do Simpósio receberão por mail uma convocação que deve ser apresentada na entrada da sala do Simpósio, junto com a pauta das questões a serem debatidas.

A Assembléia será presidida pelos membros do CAOÉ.

O Secretariado do CIG endereçou uma carta aos dois CIG precedentes para recolher suas sugestões. Os temas se dividem atualmente da seguinte forma:

- Balanço, pelo CIG, da dupla fórmula de seus cartéis: cartel do CIG durante toda duração do seu mandato e cartéis do passe, compostos a cada vez, respeitando as distribuições por dispositivos e língua.

- Estatísticas das demandas de passe e nomeações nos últimos anos.

- Periodicidade das reuniões do CIG.

- O tratamento das demandas de passe:

Ritmo,

Informações a serem transmitidas ao CIG por parte dos Secretariados do passe,
Incompatibilidades a serem novamente precisadas.

- Três propostas recebidas de um cartel do CIG precedente:

Os cartéis do passe, efêmeros ou por toda duração do CIG?

A não participação dos AE no Simpósio

A transmissão e o intercâmbio entre o CIG que sai e o CIG que entra.

IV. PROGRAMA DO ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA, dia 14 DE JULHO DE 2016

Ele foi estabelecido em fevereiro, depois das duas nomeações de AE que escutaremos pela primeira vez, e levando em conta o conjunto dos dispositivos da Escola.

9.00h **Abertura** Ricardo Rojas

I. Intervenção dos dois novos AE.

9.30h. Presidente da sessão, Sol Aparicio, CIG 2014/2016

Marie Noëlle Jacob Duvernet (França), "Couleur de passe"

Vera Iaconelli (Brasil), "Dos confins de uma análise"

11.00/11.30 Intervalo

II. O desejo de psicanálise.

Em cada uma das três partes, escutaremos cinco apresentações breves (6000 caracteres, com espaço)

11.30/13.00h Presidente da sessão, Colette Soler, CIG 2014/2016

Função do dispositivo do passe no desejo de psicanálise.

Pedro Pablo Arevalo, A.E. Venezuela, "Pase, transmisión y deseo de psicoanálisis"

Sonia Alberti, Brasil, CIG 2014/2016, "Juri ou cartel?"

Ramon Miralpeix, Espanha, CIG 2012/2014, "Cartel, passe, escuela".

Maria Teresa Maiocchi, Itália CIG 2014/2016, "Ce qui dispose"

Silvia Migdalek, Argentina, CIG 2012/2014, "El deseo de psicoanálisis: un deseo impulsor en el dispositivo del pase".

14.30/16.00h Presidente da sessão, Nadine Cordova, AE, França, CIG 2014/2016

O desejo de psicanálise no tratamento

José Antonio Pereira Da Silva, Brasil, "O decantar do desejo de psicanálise no Passe"

Jorge Escobar, AE, Colombia, "De un testimonio, al otro"

Jean-Jacques Gorog, França, CIG 2014/2016, "Le désir de poursuivre après 'guérison'"

Ana Martinez, Espanha, CIG 2014/2016, "El deseo de analizarse, un deseo forzado. A propósito de un caso"

Camila Vidal, AE Espanha. "Deseo de psicoanálisis vs deseo del analista"

16.00/16.30 Intervalo

16.30/18.00h Presidente da sessão, Gabriel Lombardi, Argentina, CIG 2014/2016

O desejo de psicanálise fora do tratamento

Sidi Askofaré, França, CIG 2012/2014, "Entre agalma et plus-de-savoir: le désir de psychanalyse"

Marie-José Latour, França, CIG 2014/2016, "La limite du dehors",

Diego Mautino, Itália, "Faire prime sur le marché?"

Martine Menès, França, CIG 2014/2016, "La psychanalyse s'apprend ou ça prend?"

Leonardo Rodriguez, Austrália. "A most fundamental bond".

Encerramento, pelo CAOE

V. A ASSEMBLÉIA DA ESCOLA, 17 de julho de 2016, à tarde.

A pauta definitiva da Assembléia da Escola será enviada quinze dias antes do Encontro ao mesmo tempo em que será enviada a da Assembléia da IF.

Pontos já previstos:

1. A periodicidade do Simpósio

Lembremo-nos que esse Simpósio tem por objetivo fazer um balanço crítico do dispositivo e refletir sobre os melhoramentos possíveis com aqueles que contribuíram para fazê-lo funcionar: membros dos cartéis, Secretariados, passadores, os três últimos CIG.

Atualmente, está previsto para cada quatro anos. Se mantivermos essa periodicidade, ele ocorreria regularmente na América Latina já que os Encontros acontecem a cada dois anos. Para que ele alterne entre os dois lados do Atlântico, é preciso prever que ocorra a cada dois ou a cada seis anos.

Nosso CIG pensa propor uma periodicidade a cada dois anos, coordenando-o com o funcionamento de cada período, mas reunindo, cada vez, apenas os dois últimos CIG, Secretariados e passadores correspondentes.

O texto da proposta a ser submetido ao voto lhes será endereçado com a pauta.

2. A questão dos AME

Ecos n°5 trouxe o relatório de nossas reflexões sobre essa questão, sugerimos a sua releitura. Esse ponto deverá ser novamente debatido.

3. Proposta do nosso CIG para a Assembléia da Escola.

Tendo em vista que há cooptação, é melhor ele ela seja o mais aberta possível. Lhes propomos então:

que a partir de agora, a possibilidade de propor AME não seja mais reservada somente aos AME, mas a cada um dos membros da Escola, desde que, evidentemente, eles possam justificar suas propostas a partir de um trabalho previamente compartilhado com o ou a colega proposto (a).

Essa proposta não ameaça em nada a seriedade de nossas escolhas, já que os princípios do funcionamento estão previstos para nosso dispositivo de escolha dos AME.

Lembre-mo-los: cada Secretariado do passe recolhe as propostas de AME que emanam dos AME de seu dispositivo. Ele os estuda, os argumenta e compõe, a partir daí, sua própria lista. Na data fixada, ele a endereça à Comissão Internacional de Habilitação (CAI) composta no seio do CIG em exercício. Por sua vez, essa Comissão estuda as propostas vindas dos Secretariados e, em função das próprias conclusões, compõe a lista definitiva do CIG em função, que é a lista oficial.